



Retirem-se da OTAN!

Nova Estratégia de Segurança Nacional Requer Uma Nova Arquitetura de Segurança

O artigo a seguir foi publicado em 8 de dezembro por Helga Zepp-LaRouche, fundadora e líder do Instituto Schiller e editora-chefe da Executive Intelligence Review. Ele está sendo divulgado internacionalmente para endossos (para adicionar um endosso, veja tinyurl.com/Retirem-OTAN no site do Instituto Schiller). A divulgação e republicação deste artigo em revistas e sites apropriados também são bem-vindas.

Embora a recém-publicada Estratégia de Segurança Nacional dos EUA (NSS, por sua sigla em inglês) para 2025 tenha sido recebida por alguns círculos importantes da Europa com uma mistura de ranger de dentes, acessos de raiva e desespero, ela deve ser considerada, dadas as circunstâncias, como tendo provocado de forma útil uma crise que já estava muito atrasada. Ela representa uma ruptura com a doutrina de segurança do governo do presidente dos EUA, Joe Biden, em relação à liderança dos EUA em uma ordem mundial unipolar, em favor de uma política mais equilibrada em relação à Rússia. Mas, ao mesmo tempo, defende a estratégia perdedora de tentar conter a China e, em particular, impedir a cooperação econômica chinesa com as nações do Sul Global, especialmente no Hemisfério Ocidental. Nas condições atuais de colapso financeiro do sistema transatlântico, o novo documento cria a oportunidade para uma reavaliação racional dos próprios interesses de segurança e o redesenho da arquitetura de segurança internacional.

O documento proíbe expressamente a expansão da OTAN, o que exclui de fato a adesão da Ucrânia à OTAN, uma vez que a chamada “Coalizão dos Dispostos” não pode impor tal adesão contra a vontade dos Estados Unidos. Ele também encerra efetivamente o conceito de uma “OTAN Global”, bem como a “interoperabilidade” da União Europeia (UE) com essa OTAN Global.

Em vez de se irritarem por não precisarem de “conselhos externos”, como afirmou o ministro das Relações Exteriores alemão, Johann Wadephul, os europeus fariam melhor em levar a sério o alerta reconhecidamente severo contido no documento da NSS, a saber, que o continente europeu estará irreconhecível em 20 anos se as tendências atuais de declínio econômico continuarem. O documento até chega a alertar para um “apagamento civilizacional”.

O maior erro que nós, na Europa, poderíamos cometer neste momento seria descartar arrogantemente este aviso como mais uma prova da imprevisibilidade do presidente dos EUA, Donald Trump. Pois o “apagamento civilizacional” da Europa é uma ameaça não apenas devido à continuação da atual política econômica — austeridade massiva em todas as áreas sociais em benefício de uma indústria de armas sem escrúpulos —, mas ainda mais iminente pela tentativa absolutamente irresponsável e desesperada de infligir uma “derrota estratégica” à Rússia.

A nova NSS dos Estados Unidos oferece uma oportunidade muito necessária para se retirar da OTAN, uma vez que esta segue uma estratégia que há muito não corresponde aos nossos interesses fundamentais de segurança. A OTAN deveria ter sido dissolvida no final da Guerra Fria, tal como o Pacto de Varsóvia em 1991, em favor de uma ordem de paz para o século XXI — o que teria sido perfeitamente possível na altura. Em vez disso, a OTAN transformou-se de uma aliança anteriormente defensiva em uma aliança ofensiva. A gota d’água foi quando o oficial militar de mais alto escalão da OTAN, o almirante Giuseppe Cavo Dragone, presidente do Comitê Militar da OTAN, deu uma entrevista na qual pediu uma “resposta mais agressiva da OTAN à guerra na Ucrânia”. Um “ataque preventivo” contra a Rússia, disse ele, também era concebível, o que poderia, asseverou, ser considerado uma “ação defensiva”. Alguém se lembra de George Orwell? “Ataque é defesa, guerra é paz!”

O presidente russo, Vladimir Putin, respondeu com clareza inequívoca que a Rússia não tinha intenção de iniciar uma guerra com a Europa. Ele já havia enfatizado isso centenas de vezes. No entanto, se a própria Europa iniciasse tal guerra, acrescentou, a Rússia estaria “imediatamente pronta”, e tal conflito seria encerrado muito rapidamente a favor da Rússia, ao contrário da abordagem “cirúrgica” usada na Ucrânia. O cientista político russo Sergei Karaganov foi ainda mais direto em uma entrevista com a jornalista Dra. Éva Péli em 30 de outubro em Moscou, afirmando que, se uma grande guerra eclodisse na Europa, a Europa deixaria de existir.

Enquanto os governos americano e russo envidam esforços sérios para pôr fim à guerra por meio de negociações, a “Coalizão dos Dispostos” europeia, composta pela Alemanha, França, Grã-Bretanha, Polônia, os Estados Bálticos e a Comissão Europeia, continua focada em infligir uma “derrota estratégica” à Rússia. Deve ficar claro para qualquer pessoa sensata que isso é impossível contra o que é hoje a maior potência nuclear do mundo, a menos que se esteja disposto a aceitar o fim da humanidade. Após a recente reunião dos ministros das Relações Exteriores da OTAN em Bruxelas, o ministro das Relações Exteriores da Hungria, Péter Szijjártó, acusou essas forças europeias de tentar impedir os esforços de paz e arrastar a Europa para uma guerra com a Rússia. O primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, chegou a alertar no sábado (6 de dezembro) em Kecskemét que os líderes europeus já haviam decidido entrar em guerra contra a Rússia e que uma grande delegação húngara visitaria Moscou nos próximos dias.

Apesar do fato de que, na Alemanha, toda declaração sobre a guerra na Ucrânia deve repetir o mantra de que se trata de “uma guerra de agressão não provocada por Putin, em

violação ao direito internacional” para evitar ser rotulado de fantoche de Putin, a opinião quase unânime em todo o Sul Global e entre especialistas americanos, como Jeffrey Sachs, John Mearsheimer, Ray McGovern, Chas Freeman e muitos outros, é que foi a expansão da OTAN para o leste em 1.000 km — contrária à promessa feita no final da Guerra Fria de não expandir a OTAN “nem um centímetro” para o leste — que desencadeou a guerra. No início de 2022, os sistemas de armas ofensivas perto da fronteira russa criaram efetivamente uma crise dos mísseis cubanos inversa, e os apelos de Putin por garantias de segurança juridicamente firmes foram simplesmente ignorados.

A guerra poderia ter terminado em março de 2022 com o Acordo de Istambul entre Putin e o presidente ucraniano Volodymyr Zelenskyy, que foi notoriamente sabotado pelo então primeiro-ministro britânico Boris Johnson. Agora, após quase quatro anos de guerra exaustiva e a perda de milhões de vidas, não há como negar o que o ex-inspetor-geral das Forças Armadas alemãs e ex-presidente do Comitê Militar da OTAN, Harald Kujat, tem enfatizado repetidamente: Que a Ucrânia nunca esteve em posição de reverter a situação estratégica — e certamente não está agora, quando seções inteiras da frente entram em colapso, quando tropas da linha de frente e recrutas forçados estão desertando em massa e quando especialistas militares internacionais discutem abertamente o fato de que a guerra foi perdida. Nessa situação, é altamente irresponsável que o oficial de mais alto escalão da OTAN fale sobre ataques preventivos, o que equivale a um apelo ao suicídio coletivo.

Nos quase quatro anos que esta guerra de desgaste durou, nem a Comissão Europeia nem os chefes de Estado europeus fizeram qualquer tentativa de pôr fim à guerra através de negociações. Pelo contrário, quando uma solução diplomática entre Putin e Zelenskyy estava praticamente acordada em março de 2022 com o Acordo de Istambul, a Europa e, claro, o então presidente dos EUA, Biden, assistiram em silêncio enquanto Boris Johnson esmagava a oportunidade. Agora, quando há uma perspectiva justificada de que a guerra possa ser encerrada por Trump e Putin e as relações entre as duas maiores potências nucleares possam ser normalizadas, a OTAN está falando em ataques preventivos!

A OTAN não é mais uma aliança defensiva atlântica, mas se considera o braço militar para defender a ordem mundial unipolar que vem sendo perseguida desde o fim da Guerra Fria. Mas essa ordem há muito foi substituída pela parceria entre os países do Sul Global, que não estão mais dispostos a se submeter às estruturas imperiais e coloniais do Ocidente coletivo, mas estão construindo uma nova ordem econômica mundial com suas organizações BRICS e Organização de Cooperação de Xangai, (OCX), baseadas na soberania e no desenvolvimento mútuo e igualitário. Não devemos nos opor a essa nova ordem mundial, que põe fim a 500 anos de colonialismo e permite que as nações da Maioria Global superem a pobreza e o subdesenvolvimento pela primeira vez. Devemos, ao contrário, cooperar com esses países e, assim, abrir um novo capítulo na história da humanidade!

Nestes tempos de mudanças históricas, várias crises regionais têm o potencial de se transformar em uma grande guerra. Após a catástrofe em curso no Oriente Médio, uma nova e altamente perigosa escalada entre o Japão e a China

eclodiu recentemente. Agora que a primeira-ministra japonesa Sanae Takaichi questionou a política de “Uma só China”, que é indiscutível sob o direito internacional, e até levantou a possibilidade de intervenção militar japonesa em Taiwan, cresce a preocupação em toda a região do Indo-Pacífico com o ressurgimento do militarismo no Japão. Isso é muito semelhante ao que está ocorrendo na Europa e evoca as memórias mais terríveis da ação conjunta das potências do Eixo na Segunda Guerra Mundial, responsável por 27 milhões de mortes na União Soviética e 35 milhões de vítimas na China.

Se aprendemos alguma coisa com as duas guerras mundiais, devemos reconhecer que agora é o momento de retomar o ponto em que paramos no final da Guerra Fria, quando tomamos o caminho errado. Naquela época, não havia mais inimigos, então teria sido muito fácil estabelecer uma nova ordem internacional de paz. Hoje, 35 anos depois, a completa falácia da previsão arrogante e efêmera do “fim da história” é evidente, assim como o enorme efeito bumerangue da tentativa de estabelecer uma ordem mundial unipolar.

Cada país deve anunciar sua retirada da OTAN e, ao mesmo tempo, convocar uma nova conferência na tradição da Paz de Westfália, na qual deve ser desenvolvida uma **nova arquitetura internacional de segurança e desenvolvimento**, que leve em consideração os interesses de todas as nações deste planeta.

O presidente chinês Xi Jinping já propôs uma abordagem semelhante com sua Iniciativa de Governança Global. O presidente Putin também levantou a ideia de uma arquitetura de segurança eurasiática. Também há esperança porque os jovens na Alemanha estão participando de uma greve escolar, já que não querem servir como bucha de canhão nem atirar em pessoas em países estrangeiros.

Chegamos a um ponto na história universal da humanidade em que devemos deixar para trás não apenas meio milênio de colonialismo, mas também a mentalidade que levou a duas guerras mundiais no século XX: a geopolítica. Devemos deixar para trás de uma vez por todas a ideia bárbara de que sempre precisamos de um inimigo, de que o homem é um lobo para o homem, como acreditava Thomas Hobbes, o ideólogo do Império Britânico. Essa visão bárbara da humanidade é expressa no vídeo promocional da OTAN “From Foresight to Warfight” (Da Previsão à Guerra), que afirma: “A guerra sempre será um esforço humano essencial. Manipular as emoções e a compreensão do oponente será tão importante quanto negar o acesso aos nossos espaços. A mente humana será um campo de batalha por si só”. Qualquer pessoa que assista a este vídeo e não rejeite essa visão de mundo doentia já perdeu a batalha por sua própria mente.

Somos a única espécie conhecida no universo dotada de razão criativa, e agora devemos usá-la colocando a ideia de uma só humanidade em primeiro lugar ao estabelecermos uma nova ordem.



**Para informação adicional,
enviar email a
perguntas@larouchepub.com**

**para adicionar
um endosso**